

SOBRE A MODERNIDADE

Charles Baudelaire



Coleção Leitura



PAZ E TERRA

Charles Baudelaire

SOBRE A MODERNIDADE



PAZ E TERRA
Coleção Leitura

© Editora Paz e Terra, 1996.
Editores responsáveis: Christine Röhrig e Maria Elisa Cevalco
Edição de texto: Thaís Nicoleti de Camargo
Produção Gráfica: Katia Halbe
Capa: Isabel Carballo

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Baudelaire, Charles, 1821-1867.
Sobre a modernidade o pintor da vida moderna /
Charles Baudelaire; [organizador Teixeira Coelho].
— Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996. — (Coleção Leitura)
ISBN 85-219-01984

1. Arte 2. Arte — História 3. Baudelaire, Charles,
1821-1867 4 Crítica de arte 5. Pintura 6. Usos e costumes
I. Coelho, Teixeira, 1944- II. Título.
III. Séries.

96-2061

CDD-709

Índices para catálogo sistemático:

1. Arte : Avaliação crítica 709
2. Arte : Estudos críticos 709
3. Arte : História 709

EDITORA PAZ E TERRA S.A.

Rua do Triunfo, 177

01212-010 — São Paulo — 5P

Tel.: (011)223-6522

Rua Dias Ferreira nº. 417—Loja Parte

22431-050 — Rio de Janeiro — RJ

Tel.: (021) 259-8946

Conselho editorial:

Celso Furtado

Fernando Gasparian

Roberto Schwarz

Rosa Freire D'Aguiar

1996

Impresso no Brasil / *Printed in Brazil*

Índice

O pintor da vida moderna	
I - O belo, a moda e a felicidade.....	7
II - O croqui de costumes.....	12
III - O artista, homem do mundo, homem das multidões e criança.....	14
IV - A modernidade.....	24
V - A arte mnemônica.....	29
VI - Os anais da guerra.....	34
VII - Pompas e solenidades.....	39
VIII - O militar.....	44
IX - O dândi.....	47
X - A mulher.....	53
XI - Elogio da maquilagem.....	55
XII - As mulheres e as cortesãs.....	61
XIII - Os veículos.....	67



<http://groups.google.com/group/digitalsource>

O pintor da vida moderna*

I

O belo, a moda e a felicidade

Há neste mundo, e mesmo no mundo dos artistas, pessoas que vão ao Museu do Louvre, passam rapidamente — sem se dignar a olhar — diante de um número imenso de quadros muito interessantes embora de *segunda categoria* e plantam-se sonhadoras diante de um Ticiano ou de um Rafael, um desses que foram mais popularizados pela gravura; depois todas saem satisfeitas, mais de uma dizendo consigo: “Conheço o meu museu”. Há também pessoas que, por terem outrora lido Bossuet e Racine, acreditam dominar a história da literatura.

Felizmente, de vez em quando aparecem justiceiros, críticos, amadores e curiosos que afirmam nem tudo estar em Rafael nem em Racine, que os *poetae minores* possuem [página 7] algo de bom, de sólido e de delicioso, e, finalmente, que mesmo

* Trata-se do desenhista, aquarelista e gravador Constantin Guys (1805- 1892). Artigo incluído no volume *L'Art Romantique*, coletânea de artigos de crítica de arte, publicados postumamente em 1869. (N. do T)

amando tanto a beleza geral, expressa pelos poetas e artistas clássicos, nem por isso deixa de ser um erro negligenciar a beleza particular, a beleza de circunstância e a pintura de costumes.

Devo convir que o mundo, de alguns anos para cá, se corrigiu um pouco. O valor que os amadores atribuem hoje aos mimos gravados e coloridos do século XVIII prova que houve uma reação na direção reclamada pelo público: Debucourt, os Saint-Aubin e muitos outros entraram para o dicionário dos artistas dignos de serem estudados. Mas eles representam o passado. Ora, hoje quero me ater estritamente à pintura de costumes do presente. O passado é interessante não somente pela beleza que dele souberam extrair os artistas para quem constituía o presente, mas igualmente como passado, por seu valor histórico. O mesmo ocorre com o presente. O prazer que obtemos com a representação do presente deve-se não apenas à beleza de que ele pode estar revestido, mas também à sua qualidade essencial de presente.

Tenho diante dos olhos uma série de gravuras de modas que começam na Revolução e terminam aproximadamente no Consulado. Esses trajes que provocam o riso de muitas pessoas insensatas, essas pessoas sérias sem verdadeira seriedade apresentam um fascínio de uma dupla natureza, ou seja, artístico e histórico. Eles quase sempre [página 8] são belos e desenhados com elegância, mas o que me importa, pelo menos em idêntica medida, e o que me apraz encontrar em todos ou em quase todos, é a moral e a estética da época. A idéia que o homem tem do belo imprime-se em todo o seu vestuário, torna sua roupa

franzida ou rígida, arredonda ou alinha seu gesto e inclusive impregna sutilmente, com o passar do tempo, os traços de seu rosto. O homem acaba por se assemelhar àquilo que gostaria de ser. Essas gravuras podem ser traduzidas em belo e em feio; em feio, tornam-se caricaturas; em belo, estátuas antigas.

As mulheres que envergavam esses trajes se pareciam mais ou menos umas às outras, segundo o grau de poesia ou de vulgaridade que as distinguiu. A matéria viva tornava ondulante o que nos parece muito rígido. A imaginação do espectador pode ainda hoje movimentar e fremir esta *túnica* ou este *xale*. Talvez, um dia desses, será montado um drama num teatro qualquer, onde presenciaremos a ressurreição desses costumes nos quais nossos pais se achavam tão atraentes quanto nós mesmos em nossas pobres roupas (que também têm sua graça, é verdade, mas de uma natureza sobretudo moral e espiritual, e se forem vestidos e animados por atrizes e atores inteligentes, nós nos admiraremos de nos terem despertado o riso de modo tão leviano). O passado, conservando o sabor do fantasma, recuperará a luz e o movimento da vida, e se tornará presente. [\[página 9\]](#)

Se um homem imparcial folheasse uma a uma *todas* as modas francesas desde a origem da França até o momento, nada encontraria de chocante nem de surpreendente. Seria possível ver, sim, as transições organizadas de forma tão gradativa quanto na escala do mundo animal. Nenhuma lacuna; logo, nenhuma surpresa. E se ele acrescentasse à vinheta que representa cada época o pensamento filosófico que mais a ocupou ou agitou, pensamento cuja lembrança

é inevitavelmente evocada pela vinheta, constataria a profunda harmonia que rege toda a equipe da história, e que, mesmo nos séculos que nos parecem mais monstruosos e insanos, o imortal apetite do belo sempre foi saciado.

Na verdade, esta é uma bela ocasião para estabelecer uma teoria racional e histórica do belo, em oposição à teoria do belo único e absoluto; para mostrar que o belo inevitavelmente sempre tem uma dupla dimensão, embora a impressão que produza seja uma, pois a dificuldade em discernir os elementos variáveis do belo na unidade da impressão não diminui em nada a necessidade da variedade em sua composição. O belo é constituído por um elemento eterno, invariável, cuja quantidade é excessivamente difícil determinar, e de um elemento relativo, circunstancial, que será, se quisermos, sucessiva ou combinadamente, a época, a moda, a moral, a paixão. Sem esse segundo elemento, que é como o invólucro aprazível, palpitante, ape- [página 10] ritivo do divino manjar, o primeiro elemento seria indigerível, inapreciável, não adaptado e não apropriado à natureza humana. Desafio qualquer pessoa a descobrir qualquer exemplo de beleza que não contenha esses dois elementos.

Escolho, se preferirem, os dois escalões extremos da história. Na arte hierática, a dualidade salta à vista; a parte de beleza eterna só se manifesta com a permissão e dentro dos cânones da religião a que o artista pertence. A dualidade se evidencia igualmente na obra mais frívola de um artista refinado pertencente a uma dessas épocas que qualificamos com excessiva

vaidade de civilizadas; a porção eterna de beleza estará ao mesmo tempo velada e expressa, se não pela moda, ao menos pelo temperamento particular do autor. A dualidade da arte é uma conseqüência fatal da dualidade do homem. Considerem, se isso lhes apraz, a parte eternamente subsistente como a alma da arte, e o elemento variável como seu corpo. É por isso que Stendhal, espírito impertinente, irritante, até mesmo repugnante, mas cujas impertinências necessariamente provocam a meditação, se aproximou mais da verdade do que muitos outros ao afirmar que *o belo não é senão a promessa da felicidade*. Sem dúvida, tal definição excede seu objetivo; ela submete de forma excessiva o belo ao ideal indefinidamente variável da felicidade; despoja com muita desenvoltura o belo de seu caráter aristocrático, mas [página 11] tem o grande mérito de afastar-se decididamente do erro dos acadêmicos.

Já expliquei estas coisas mais de uma vez; estas linhas são suficientes para aqueles que apreciam os exercícios do pensamento abstrato; mas sei que os leitores franceses, em sua maioria, neles pouco se comprazem e eu mesmo tenho pressa de entrar na parte positiva e real de meu tema.

II

O croqui de costumes

Para o croqui de costumes, a representação da vida burguesa e os espetáculos da moda, o meio mais expedito e menos custoso evidentemente é o melhor.